



## FIM DE SEMANA

— 17 —

**1** Voltando às carências de Espinho, no iniciado balanço da época balnear em crónica anterior, consideremos que o problema vital a resolver para a cidade é o de estudar e encontrar meio, se for possível dentro da técnica ao serviço do homem, para deter o avanço do mar — e já nem dizemos para lhe reconquistar fracções da terra que tem levado para o seu reino.

Muitos projectos têm surgido, muitas obras se têm efectuado, mas a verdade é que as obras construídas resultam normalmente por alguns anos, mas de seguida o mar perde-lhes o respeito e avança um pouco mais. Ainda no corrente ano a defesa frontal resistiu às chicotadas marítimas, mas tendo já sofrido danos, aliás reparados. O que, porém, não impediu (porque isso só obras de penetração o poderão fazer) foi que o mar ocupasse grande parte do areal, privando a cidade da superfície fundamental da sua praia. O mar veio para ficar. E continua a investir, sendo ponto de interrogação a resistência que a defesa frontal poderá opor-lhe e por quanto tempo.

Ouve-se falar de medidas em estudo para a defesa da cidade; por enquanto, porém, o Zé da Rua nada vê que o tranquilize quanto ao que se vá fazer para defesa da sua terra.

Não se duvida que Portugal possui, a nível oficial, laboratórios convenientemente apetrechados e dispõe de técnicos competentíssimos; simplesmente, e por felicidade do país, nem os técnicos têm a necessária experiência essencial a completar-lhes o saber em problemas desta natureza, nem os laboratórios estarão prevenidos para estudos apropriados, e isso pela razão comesinha de que o único ponto da costa portuguesa em que o mar ganha a terra sistematicamente é esta zona de Espinho.

Se para fins bem menos graves, como o estudo da regularização do trânsito, ou dos transportes colectivos, ou da organização contabilística dos serviços municipalizados, foram contratados para o Porto professores e técnicos estrangeiros, porque não se confia o estudo (e possível execução) da defesa de Espinho, por exemplo, a técnicos holandeses, que, se não conhecem impossíveis para tirar a terra ao mar, por certo saberão também negar-lha?

No facto não haveria desdouro, pois a cada passo temos, como qualquer nação, recorrido ao serviço de técnicos e mestres estrangeiros, como outros países têm recorrido também a portugueses.

Solução dispendiosa?

Sem dúvida.

Mas a salvação de uma cidade não tem preço.

E se alguma coisa se não fizer válida e rápida, então a elevação de Espinho a cidade, virá num futuro mais ou menos distante, apenas a ter a utilidade de Espinho morrer como cidade e não como vila, acontecendo-lhe o que se passa com certos velinhos, a quem, próximo da morte, se atribui uma comenda, para que se finem como comendadores e não como honrados comerciantes da nossa praça.

**2** Os comerciantes da cidade são na quasc totalidade atenciosos e gentis com a clientela, seja turista ou indígena.

Infelizmente há excepções, ainda que muito raras, quer por culpa dos pró-

(Continua na pág. 2)

## EDITORIAL

# INQUÉRITO

Vários meses decorridos sobre o início da nova orientação dada ao nosso Jornal, entendemos chegada a altura de ouvir os nossos Assinantes.

Tem sido preocupação nossa cumprir fielmente as directrizes que publicamente traçamos na nossa primeira intervenção.

Conhecemos algumas deficiências, que procuramos corrigir, e que essencialmente resultam das nossas muitas limitações.

Temos tido a intenção de salientar os males caseiros, convencidos de que dessa forma prestamos a nossa util colaboração a quem tem sobre os ombros a tarefa ingrata de dirigir uma terra plena de ansiedade de crescimento e de perfeição.

É possível que alguns preferissem linguagem e temas diferentes. Infelizes que só ouvem hinos à sua volta, sem se aperceberem das realidades: esses não têm nem colaboradores nem amigos.

Não obstante todas as nossas preocupações, admitimos que, sem querer e, até,

sem disso nos apercebermos, nem sempre tenhamos conseguido os nossos objectivos.

Como o Jornal se destina a defender os interesses de Espinho e se dirige aos seus leitores, muito gostaríamos de conhecer a sua opinião, sobre as linhas gerais seguidas.

Para tanto, ousamos solicitar aos nossos assinantes e a todos os que nos têm nos digam se concordam com as linhas gerais que temos seguido, e se entendem que devem ser-lhes introduzidas modificações, apresentando todas as sugestões que considerarem válidas.

Só com a obtenção dessas opiniões, sejam elas quais forem, poderemos inteirar-nos sobre se trilhamos caminho certo ou errado e adotar as medidas que forem necessárias ou aconselháveis.

Digam os leitores da sua justiça.

AMADEU MORAIS

## HOSPITAL DE ESPINHO

De segura fonte acabamos de saber que o Hospital de Espinho foi definido como Hospital Distrital, de apoio ao Hospital Central do Porto.

Significa isto que o nosso Hospital passará a servir as carreiras médicas e o internato, o que representa para a eficiência dos serviços um melhoramento notável, em apetrechamento, instalações e serviços.

Por virtude disto, foi suspensa a apreciação do projecto de obras para ampliação do nosso Hospital, há vários meses apresentado para aprovação, uma vez que se impõe ampliação superior à prevista pela Mesa da Santa Casa da Misericórdia de Espinho.

Oxalá não demore a definição de todas as obras a realizar, tanto mais que, independentemente da qualificação agora dada ao Hospital, Espinho vem há muito tempo sentindo a necessidade urgente da ampliação que a Mesa da Santa Casa, com o apoio do Senhor Presidente da Câmara Municipal tinha solicitado.

## LARGADA PARA O MAR

1.º PRÉMIO

TEMA REGIONAL

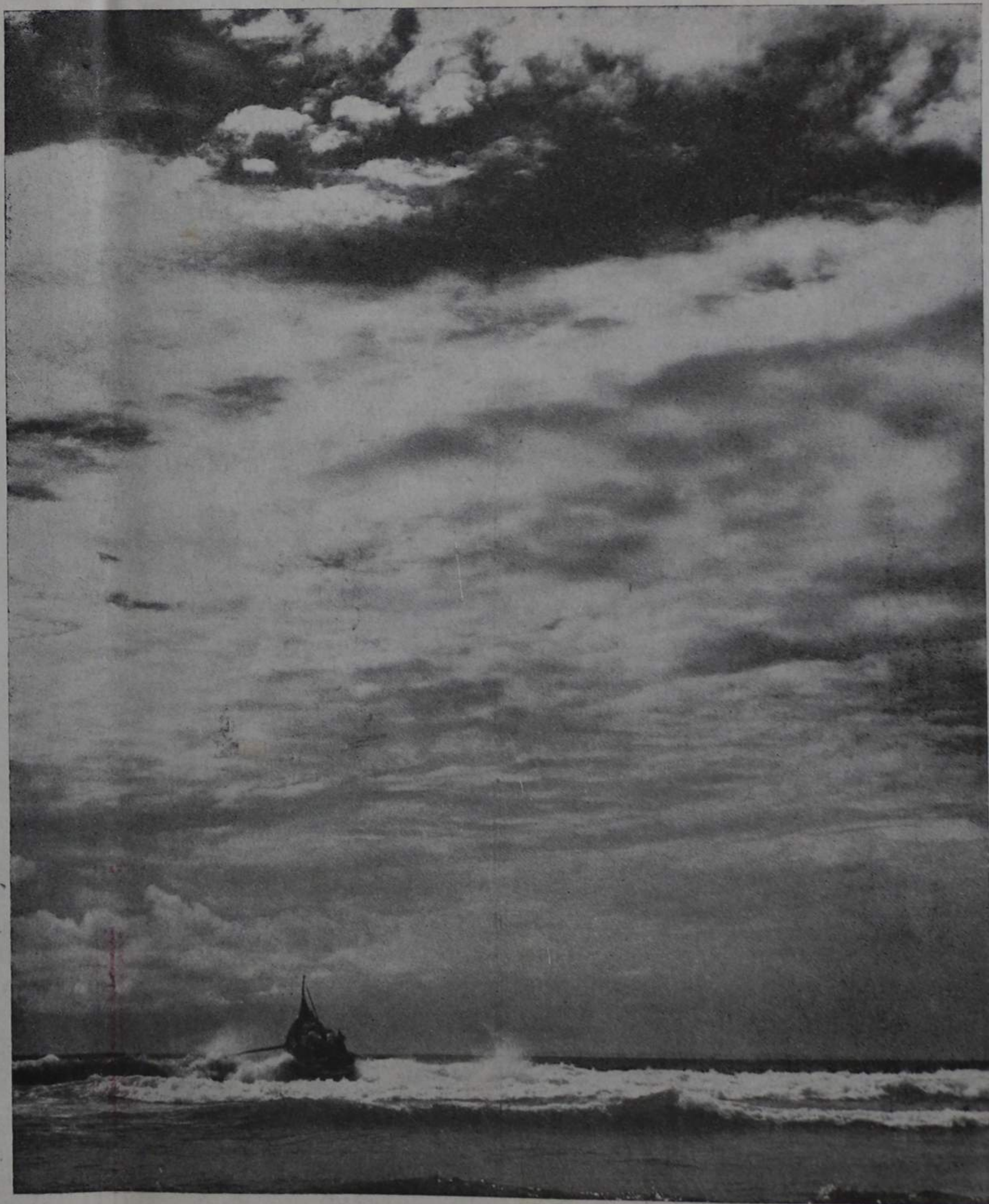
(Preto e branco)

DO I SALÃO NACIONAL DE FOTOGRAFIA

Foto de

JOÃO AVELINO MARQUES

— S. JOÃO DA MADEIRA



# GAZETILHA

## «MISS» LUSO-AMERICANA

Mais uma entre nós se mete,  
Mais uma «miss» exotérica:  
Chama-se Jayne Paquete  
«Miss» Portugal-América.

Foi, na norma consabida,  
Bem acolhida por todos;  
A Jayne foi distinguida  
Com homenagens a rodos.

A recepção derradeira  
Averbou na Capital.  
Teve a prenda costumeira  
No Município local;

Uma náu de filigrana,  
Um preto de saudosismo;  
Mas um gesto de que emana  
Particular simbolismo.

Onde o «steamer» se entremete  
Na navegação à vela:  
— Lá porque a moça é «paquete...»  
Deram-lhe uma caravela!

ALBERTO BARBOSA (BEKA)

# LIMPEZA

Várias vezes temos abordado nas colunas deste Jornal, de diversos modos, o aspecto da limpeza na nossa terra.

Nos dias em que a praia e as ruas se enchem de gente, é praticamente impossível manter a limpeza dos locais que diariamente são limpos e arrumados. Tenhamos em vista o estado em que fica, ao fim da tarde, a Avenida 3, meditemos sobre a qualidade das pessoas que normalmente se instalam nela, aparentemente educadas, e teremos um índice da naturalidade com que as pessoas deixam sujos os lugares que frequentam.

Mas sejamos justos. Se qualquer dessas pessoas ou de outras que nos visitam, em grupo ou isoladamente, quiser desfazer-se dos papéis inúteis que em certa altura tiver, onde pode colocá-los?

Vão distantes os tempos, que lembramos com muita saudade, em que cuidadosamente a nossa Câmara Municipal mandava lavar diariamente os passeios da esplanada e das ruas situadas a poente da via férrea, ao mesmo tempo que eram regadas essas ruas. Hoje, passam-se meses sem uma lavadela, a decisiva lavagem é feita normalmente pelas águas da chuva, e vemos passeios com aspecto de meter medo ao estômago mais tolerante.

Amontoam-se nas ruas, na zona central, cascas de bananas, de laranjas e de amendoim, embalagens de gelados e de muitas outras drogas que se vendem na via pública, designadamente tremoços. Nota-se perfeitamente o estado em que ficam os passeios onde se encontram instaladas máquinas de fornecer gelados, sem que os exploradores façam qualquer coisa para os limpar.

As pessoas não têm o mínimo cuidado, atirando com tudo o que lhes é inútil para o chão, sujando as ruas que nesse dia tinham sido limpas.

Mas, em consciência, onde podemos nós exigir que as coloquem?

Como poderemos nós enquadrar

essas pessoas na delicada posição de darem nas vistas, se não lhes fornecermos recipientes onde se sintam obrigadas a deixar o seu lixo?

Não é com prazer que voltamos a falar deste assunto. Mas sentimos que prestamos à nossa terra o mais válido contributo apontando estes males, salientando-os como merecem e apontando soluções.

É absolutamente indispensável que os responsáveis pelo sector se façam povo, como nós, percorram a pé as ruas de Espinho, ouçam os lamentos e as críticas, porque isso lhes permitirá raciocinar na base em que raciocinamos e adoptar as medidas convenientes.

É urgente resolver de modo definitivo o problema da limpeza das nossas ruas e da nossa praia.

Os passeios das zonas mais frequentadas devem ser lavados durante a época balnear. Os exploradores de máquinas de gelados e outros comestíveis devem ser obrigados a proceder à lavagem da zona onde trabalham, sob pena de lhes ser cancelada a licença. E deve distribuir-se profusamente por Espinho, de norte a sul, desde a esplanada à Rua 30, grandes recipientes, que podem ser bidons, convenientemente providos de tampa móvel e pintados de modo a chamarem a atenção, nos quais se leia «DEPOSITE AQUI O SEU LIXO — MANTENHA LIMPÁ A SUA RUA».

Depois disto, poderemos concluir que só os analfabetos e os transgressores por tendência deixarão de colaborar. Os primeiros facilmente seguirão o exemplo das pessoas decentes. Os últimos corrigir-se-ão aplicando-se-lhes as multas estabelecidas.

E veremos que novos hábitos se criarão, com vantagem para todos nós e para os próprios serviços de limpeza da Câmara Municipal, que tem o trabalho e não lhe vêm resultados.

AMADEU MORAIS

# DEFESA DE ESPINHO

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR

ANTÓNIO GAIO

REDACÇÃO

ARMÉNIO GOMES  
CARLOS PINHEIRO MORAIS  
CARLOS SARRIA  
JOÃO QUINTA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA  
DE PUBLICIDADE  
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIPOGRAFIA SEQUEIRA  
RUA JOSÉ FALCÃO, 122  
PORTO

# SENHORA DA AJUDA

Como vareiro que sou, na Senhora da Ajuda cá estou, habitualmente a remoer os meus desacordos e todos os anos a saborear as coisas que me desagradam e que, afinal, procuro e quase considero imprescindíveis.

Realizou-se este ano mais uma festa da N.ª S.ª da Ajuda. Menos gente que a habitual, menos barulho e maior monotonia.

Há quem concorde e quem discorde com a realização desta festa. Eu, apesar de tudo, ingresso no número dos concordantes.

A discordância compreende-se: Espinho não tem um passado de séculos nem tradições arraigadas; não se situa em zona de grandes romarias; e a sua população muito heterogénea, mas pretensamente (quanto a uns) e realmente (quanto a outros) evoluída, até nas freguesias circunvizinhas, foge às romarias e às perturbações inerentes.

Mas não esqueçamos que a Senhora da Ajuda constitui a festa mais tradicional e popular que possuímos.

E apesar de ser verdade que Espinho se inunda de gente na Segunda-feira de Páscoa e na Segunda-feira de Carnaval, sem bandas, sem foguetes e sem farnéis, a grande verdade, que nada ganhamos em ignorar, é que a festa de N.ª S.ª da Ajuda arrasta a Espinho muitíssima gente habituada a vir até à nossa praia nesse dia.

Aos espinhenses compete decidir se devem ou não manter estas festividades.

Mas precisam de encarar a sério esta resolução e introduzir modificações, para evitar o que este ano se passou.

Em primeiro lugar, há que transferir o dia da celebração para o último domingo de Setembro. Os inconvenientes da romaria põem termo à época balnear e interessa a Espinho transferi-lo para o fim de Setembro, pelo menos.

Depois há que encarar a feição popular da festividade em si e procurar amenisar-lhe os inconvenientes, afastando-a do centro. Supomos que se lucraria prolongando as ornamentações da Rua 8 até ao Largo de S. Pedro e fazendo nesse Largo o arraial. Se aí se fizer o que este ano foi feito — e muito bem — eliminando os altifalantes e o ruído insuportável, cremos não massacrar os que no Largo residem, com a vantagem de animar a população espinhense que mais deseja as festividades.

Por último — e relativamente à procissão — há que encarar o problema a sério, para que se não repita o que este ano se passou. Ou a procissão assume a imponência que infunde respeito e constitui motivo de atracção, ou não deve voltar a fazer-se.

Neste campo, não conhecemos meio termo.

Aos espinhenses compete decidir a tempo e horas o caminho que desejam trilhar no futuro.

Mas, a decidir-se pela continuação, então a tarefa será de todos e deve ser encarada desde já.

Por agora, nota positiva à Comissão deste ano, pelo modo como procurou atenuar os ruídos, um dos maiores inconvenientes da romaria.

# FIM DE SEMANA . 17

(Continuação da pág. 1)

prios donos dos estabelecimentos no trato pessoal com a clientela, quer por culpa deles na falta de fiscalização da conduta dos empregados.

Evidentemente esse trato menos cuidado afasta o cliente, sobretudo parecendo haver uma tendência, que se não notava no ano findo, para um nível caro de vida, superior ao das localidades vizinhas.

Poderá dizer-se que em toda a parte se topam comerciantes menos lhanos; mas uma estância de turismo não deve dar-se a esse erro que não cativa quem passa.

Não cabe só às entidades oficiais promover o turismo; cabe também aos habitantes de Espinho atrair os turistas pela gentileza e simpatia, predicado que esta terra teve e convém não deixar de ter, pois foi usando-o que passou de povoação a cidade.

3.

Vem agora a cabine sonora da Avenida 8.

Tal como está, não está bem. Seja da instalação, do material, do que for, dificilmente se percebe a locução, além de ser deficiente a qualidade do som na transmissão de música, posta já de

parte a questão de apreciar o critério que preside à escolha dos trechos transmitidos.

É de todo o interesse uma instalação sonora, com som devidamente cuidado e regulado em volume, dotada de altifalantes que cubram toda a zona do «picadeiro» (e até da esplanada junto ao mar), que difunda em tom suave música seleccionada cuidadosamente, capaz de agradar a todos e não importunar ninguém, própria para o local, e, podendo ser, sem anúncios; ou, se houver de suportar-se essa praga, que sejam em menor número possível, lidos no intervalo dos textos musicais e nunca sobrepondo-se a eles.

Quem passeia pode ouvir a música, mas pouco liga à locução; mas, se a leitura do anúncio lhe perturba a audição de um trecho musical que lhe agrada, roga pragas ao anunciante, passa a detestar o produto anunciado e deixa de prestar atenção a toda a transmissão.

Abra-se vista dos autos à Comissão de Turismo.

E, praza aos fados e aos homens, continuaremos.

VASCO LUIS

## Defesa de Espinho

### Nova tabela de preços das assinaturas anuais

Portugal Continental e Ilhas Adjacentes ... ..	120\$00
Províncias Ultramarinas e Brasil (via marítima) ... ..	130\$00
Canadá, USA, Venezuela, Columbia e Rodésia (via marítima) ... ..	190\$00
Espanha (via terrestre) ... ..	130\$00
França e restantes países da Europa (via terrestre) ... ..	190\$00
Províncias Ultramarinas (via aérea) ... ..	320\$00
Canadá, USA, Columbia, Venezuela e Rodésia (via aérea) ... ..	400\$00
Alemanha e restantes países da Europa (via aérea) ... ..	230\$00
Brasil (via aérea) ... ..	350\$00

A cobrança pelo correio é acrescida das respectivas despesas

NÚMERO AVULSO ... .. 2\$50

# notícias da cidade

# Agenda

## NOTÍCIAS PESSOAIS

— Com sua esposa, esteve na semana finda nesta cidade, o sr. Godinho Cunha, distinto Director do nosso colega «Jornal de Moura».

— Regressou do Gerês o nosso prezado assinante sr. António Coelho Relvas.

— Esteve na semana finda nesta cidade o nosso estimado assinante sr. dr. Daniel Gomes de Pinho, de Lisboa.

— Regressou de França, após algumas semanas em casa de pessoa de família, o nosso prezado assinante e industrial de alfaiataria sr. Américo Domingues Mano.

— Após a sua temporada de veraneio nesta Praia, regressou ao Porto, com sua esposa, o nosso prezado assinante sr. António de Sousa Reis.

— Das Caldas de Chaves, regressou a Matosinhos com sua família, o nosso estimado assinante sr. Domingos da Rocha Mano.

— Após ter terminado a sua licença, regressou na companhia de sua esposa a Algueirão-Sintra, o nosso estimado assinante sr. major João Calado Orvalho.

## CARTÓRIO NOTARIAL DE ESPINHO

A cargo da notária Lic.ª Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 10 de Setembro de 1973, lavrada de folhas 73 a 74 verso do livro de notas para escrituras diversas A-Número 35 deste cartório notarial de Espinho, os senhores JOAQUIM ALBERTO DE JESUS RESENDE e CARLOS ALMÉRIO NEVES DE LIMA constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «LIMA & RESENDE, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento na Rua Vinte, número 1456, segundo andar, esquerdo, desta cidade de Espinho, e a sua duração é por tempo indeterminado.

Parágrafo único — Por simples deliberação da assembleia-geral, a sede social poderá ser deslocada dentro da mesma localidade.

Segundo — O seu objecto é o comércio de artigos de vestuário, confecionados ou não, podendo entretanto dedicar-se a outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e seja permitida por lei.

Terceiro — O capital social é de 100 000\$00 em dinheiro, e representa a soma das quotas dos sócios, pertencendo uma a cada um do seguinte modo: Joaquim Alberto de Jesus Resende, uma quota no valor de 50 000\$00, e Carlos Almério Neves de Lima, uma quota de igual valor de 50 000\$00.

Parágrafo único — De cada quota acham-se realizados apenas cinquenta por cento, devendo os restantes cinquenta por cento dar entrada na Caixa social quando a gerência o entender conveniente.

Quarto — Não são exigíveis prestações exemplares de capital, mas os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade, mediante as condições estabelecidas por deliberação a tomar em assembleia-geral.

Quinto — A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento do sócio não cedente.

Sexto — A sociedade será representada em juízo ou fora dele, activa e passivamente, por ambos os sócios que desde já são nomeados gerentes.

Parágrafo primeiro — Os actos de mero expediente poderão ser firmados por um gerente.

Parágrafo segundo — É proibido aos

## DO HOSPITAL

Doentes internados, 71.

Intervenções cirúrgicas:

Otorrino, 29; Cirurgia Geral, 14; Obstetricia, 1.

Crianças nascidas, 22.

Exames radiográficos, 92.

Serviço de Urgência:

Homens, 146; Mulheres, 142.

Foram internados entre outros:

Olívia Gomes Rocha, de Anta, para Medicina.

Maria Ilídia Rodrigues Gomes Faro Carvalho, de Viseu, para Medicina.

Maria Fátima Marques Fernando Ramalho, de Esmoriz, para Cirurgia.

Maria Amélia Silva Costa, de Sanguedo, para Cirurgia.

## PELO TRIBUNAL

No passado dia 12 do corrente, tomou posse das funções de Chefe da Secretaria do Tribunal Judicial da nossa nova comarca de Espinho, o Senhor AFONSO COSTA DE ALMEIDA, que, anteriormente, exercia idênticas funções no Tribunal da comarca de Arouca.

Ao acto da posse, que lhe foi conferida pelo Vogal designado, Senhor Domingos Fernandes Alves de Oliveira, no impedimento dos Senhores Presidente e Vice-Presidente da Câmara Municipal, estiveram presentes vários amigos e familiares do empossado.

Ao distinto funcionário, frequentador de longos anos da nossa praça, nosso dedicado assinante e grande admirador da nossa cidade, «Defesa de Espinho» apresenta os seus cumprimentos, com os desejos das maiores prosperidades no exercício do seu novo cargo.

## NASCIMENTOS

Gisela Carla, filha de Carlos dos Santos e de Maria Teresa Oliveira Prata dos Santos.

Vítor Manuel, filho de Vítor Manuel Gomes Coelho da Rocha e Maria Celeste Oliveira Caprichoso Rocha.

Mónica Manuela, filha de Luís Ilídio Ferreira Maia e de Maria Rita Moreira Barbosa Maia.

Gabriela Maria, filha de Joaquim Abel de Jesus Peixoto e de Maria José Andrade Ferreira Peixoto.

Luísa Alexandra, filha de Américo Ferreira Amorim e de Maria Fernanda Oliveira Ramos Amorim.

## FALECIMENTOS

Rufino Francisco Ferreira, casado com Gracinda de Azevedo Jorge, faleceu nesta cidade.

Maria de Lurdes Silva, casada com Carlos Alberto Dias Vieira, nesta cidade.

Rosa Alves da Cruz, casada com José Alves de Oliveira, faleceu em Silvalde, Espinho.

gerentes obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos ao objecto da sociedade.

Sétimo — Por morte ou interdição de qualquer sócio, a sociedade não se dissolve, mas continuará com os sócios sobreviventes ou capazes e o representante legal do interdito.

Oitavo — As assembleias-gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência de, pelo menos, oito dias, salvo se a lei prescrever outra forma de convocação.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 11 de Setembro de 1973.

O Ajudante do Cartório,  
José dos Santos Sil

## AUTOMÓVEL ROUBADO MAS RECUPERADO

Próximo da sua residência, na Rua 14, n.º 409, o senhor Carlos Alberto Baptista de Castro Correia mais uma vez deixara estacionado o seu carro AH-57-55. Os ratoneiros de automóveis baixaram à cidade e levaram-lho pelo que no dia 15 apresentou a respectiva queixa na Secção local da P.S.P. Felizmente para o proprietário, que também se vira roubado de documentação e papéis de valor que tinha dentro da sua viatura, esta já foi localizada em Aguas Santas, Maia.

## ATENÇÃO AS MOTORIZADAS

Na Rua 8 estava estacionada a bicicleta motorizada 1PNF-55-37, pertencente a José Teixeira Couto, de Mosqueiros, Marcos, Penafiel. Por sua vez Fernando da Silva Bastos residente em Valos, Fiães, Feira, deixara a sua, com a matrícula 2VFR-83-50. Quando ambos «foram por elas», encontraram o sítio vago e não tiveram outra alternativa que não fosse irem fazer a respectiva participação à Secção da P.S.P. no passado dia 17.

## NA CALADA DA NOITE

A noite encobre muita miséria e facilita o roubo. Alguém audaciosamente aproveitou a escuridão para penetrar no escritório de um armazém de ferro na Rua 22, daí furtando uma pequena importância em dinheiro. Um dos sócios da firma, o sr. Joaquim da Silva Graça lá foi à Secção da P.S.P. no passado dia 10 apresentar a respectiva queixa.

## CARTEIRISTAS NA FEIRA

A feira semanal é estádio propício para as actividades «antidesportivas» de carteiristas. Duas queixas apresentadas em 17 na Secção da P.S.P. no-lo comprovam. Uma das vítimas foi Adelaide Reis da Silva de Pousadela, Nogueira, Feira, a quem, ao sul da feira, roubaram um porta-moedas contendo dinheiro e um objecto de valor estimativo. A outra foi Mário Gomes Moreira, de Gestosa, Escariz, Arouca, de cujo bolso tra-seiro das calças se «eclipsou» uma carteira com dinheiro e documentos quando aguardava transporte para Lourosa.

## FARMACIA DE SERVIÇO

HOJE E AMANHÃ — FARMACIA TEIXEIRA — RUA 19 — TELEF. 920352.

## CINEMAS

### S. PEDRO

Hoje, sábado, 22 — *Morte e traição*, com Tom Adams e Susie Hampton — 18 anos.

Amanhã, domingo, 23 — *Boneca perigosa*, com Judy Geeson e Roy Dotrice — 18 anos.

Segunda-feira, 24 — *Revak, o rebelde*, com Jack Palance e Millie Vitale — 10 anos.

Terça-feira, 25 — *Os aventureiros de Santa Trinitá*, com Peter Lee Lawrence e Evelyn Stewart — 14 anos.

Quarta-feira, 26 — *Os archeiros de fogo*, com Montgomery Wood e Silva Dionisio — 10 anos.

Quinta-feira, 27 — *As esarpas do medo*, com Zohra Lampert e Barton Heyman — 18 anos.

Sexta-feira, 28 — *O invencível*, com Bruce Lee e Nora Miao — 14 anos.

### CASINO

Hoje, sábado, 22 — *Os assassinos também choram*, com Lou Castel e Mark Damon — 18 anos.

Amanhã, domingo, 23 — *Zapata*, com Jaime Fernandez e Patricia Azpillaga — 18 anos.

As 18 horas — *Os campeões de Oxford*, com Bucha e Estica — Matinée infantil.

Segunda-feira, 24 — *As pupilas do Senhor Reitor*, com Anselmo Duarte e Isabel de Castro — 10 anos.

Terça-feira, 25 — *O quinto dedo*, com Pamela Tiffin e Silvia Monti — 18 anos.

Quarta-feira, 26 — *O Recado*, com José Viana e Maria Cabral — 14 anos.

Quinta-feira, 27 — *Jane Eyre*, com George C. Scott e Susannah York — 14 anos.

Sexta-feira, 28 — *O homem nu*, com Paulo José e Leila Diniz — 14 anos.

## A P. R. P. DIVULGA O CÓDIGO



Ao caminhar a pé ao longo das ruas ou estradas, utilize, sempre e só, os passeios e bermas, ou os locais destinados aos peões e evite caminhar junto ao bordo da rua ou estrada.

Quando não houver passeios ou bermas, circule pela esquerda. Verá mais facilmente os carros que se aproximam e melhor evitará qualquer perigo.

De noite, em locais mal iluminados, use de preferência roupa clara e, sempre que possível, sinalize-se com uma lanterna ou qualquer material reflector dirigido para os veículos que se aproximam.

Com o seu comportamento correcto imporá o respeito aos outros utentes.

# INTERVALO

## PRÓLOGO

O produto que já não convence ninguém, pode, facilmente, depois de enroupado (nova embalagem não é novo conteúdo) — ainda constituir mercadoria valiosa.

A publicidade foi escrever nas paredes, hoje é criar paredes para escrever, é colocar-se estrategicamente nos locais onde mais desprevenidos aceitamos a «banha» que nos impingem.

HOJE (com a roupa que lhe é habitual) documenta isso mesmo tentando estar «Atento...» e com a «Gente».

Assuntos como os que a seguir tratamos pode, cada um enumerar por si os que a vida nesta sociedade proporciona dia a dia.

## UMA HISTÓRIA (POUCO) EXEMPLAR

Há uns meses, a pacatez provinciana deste país foi agitada por um acontecimento («o acontecimento internacional do momento») que, a pouco e pouco, atingiu dimensões verdadeiramente alucinantes: Maria, a simples, ou simplesmente Maria, tinha chegado.

Primeiramente, assistiu-se à manipulação maciça dos grandes meios de informação — a imprensa, a rádio e a T.V., todos ao serviço dum fim fundamental: aliciar as pessoas, desprevenidas e eternamente à espera de algo que as ocupe de qualquer maneira, para aquilo que era anunciado numa forma pouco habitual — um cartaz com uma figura feminina, definida por uma legenda que, propositadamente nada explicava: Simplesmente Maria.

As pessoas, ingénuas e pouco preocupadas com o custo de vida, interrogavam-se sobre qual o significado de tal cartaz, que surgiu na T.V., nos jornais, nas paredes do metropolitano. Era, à escala nacional, a manifestação do poder de sugestão que toda uma técnica moderna de publicidade sabe despertar nas vítimas indefesas que todos somos. Seria um novo filme do cinema português de consumo? Seria um novo detergente? Um produto de beleza para senhoras? Um novo desodorizante que elimina radicalmente as zangas amorosas provocadas pelo inoportuno «odor corporal»? Ou seria, pensariam os eternos idealistas, a proclamação da necessidade de criar um novo tipo de mulher que, simplesmente, abdicasse da sua individualidade em favor da colectividade? Ou qualquer destas hipóteses, além de muitas outras, parecia possível, e assim o público foi, desde logo, «obrigado», porque manipulado, a participar no lançamento de um produto que fora pensado, criado e experimentado, longe dos reais interesses das camadas a que se destinava.

Mas, em breve se verificou que era muito melhor que tudo isso: era a verdadeira «democratização da cultura», fenómeno tão desejado e que surgia, inesperadamente, de onde menos se esperava. Finalmente, fomos assistir ao acesso generalizado a um tipo de «cultura» que teve os seus sempre celebrados ou antepassados nos *Tides* e *Omos* de há anos. As vantagens eram evidentes, já que o material indispensável a esta campanha se limitava a um transistor a pilhas e era possível «cultivar» todo o país ao mesmo tempo. Era o regresso, em beleza, da rádio-novela, espécime de nobres tradições na literatura e artes afins em língua portuguesa. E, vantagem suprema (!), não era uma qualquer novela de trazer por casa, era «um êxito mundial que por vários motivos (?) interessa às mulheres de todo o mundo» (passe a publicidade). Aos homens ficam, com certeza, reservados outros campos de actividade. É claro que os «vários motivos» de interesse ficam a cargo da imaginação, mais ou menos criadora, da ouvinte. Como se vê, apela-se, cúmulo das modernas tendências pedagógicas (!), para a participação da ouvinte-educanda, a «obra de arte» é aberta (ainda que apenas às mulheres), etc., etc. e outras coisas

mais. A novela era um êxito em outros países. E o que era bom para eles também o seria para nós. *Eis a solidariedade internacional num campo inesperado: a estupidificação colectiva.*

Mas os mentores de tão vasta operação são uns sujeitos bem informados quanto ao meio em que se movem. Assim, decidiram aplicar uma velha fórmula de resultados de há muito comprovados: mudar alguma coisa para que tudo fique na mesma. Mudaram o aspecto exterior da história, preocuparam-se com as qualidades de apresentação do produto, importante pormenor para a melhor aceitação no «mercado», e deram-lhe uma orientação mais de acordo com as tendências da sociedade em que vivemos. Criaram uma tão vasta galeria de personagens que o público até é capaz de confundir tantas histórias de casos pessoais todos interligados. É a pseudo-representação de toda uma sociedade, à boa maneira naturalista, esquecendo porém, certamente por pouco importante, o porquê fundamental dos comportamentos dos personagens. Enfim, apelaram, mais ou menos disfarçadamente, para desejos e ambições (= frustrações) vulgares hoje em dia. E assim temos a pobre e inocente, mas resolvida, Maria, que passa de criada, um dos mais baixos pontos na escala social, a mulher realizada num mundo competitivo onde só os melhores vencem. Se ela venceu, porque não hão-de outras vencer também? Só as que não podem ou não querem é que não chegam a modistas famosas e a comprar prédios no Rossio. Perante isto, que necessidade há de apoio sindical e previdência para as empregadas domésticas?

O certo é que o folhetim é um êxito. Tanto assim que de imediato surgiram fotonovelas (coloridas, que é para se sonhar mais e melhor), narrando a história por escrito. E talvez a própria T.V., sempre atenta ao «acontecimento», tenha uma palavra a dizer. Seria a congregação de todos para o bem de muita gente. Resta-nos meditar no porquê de tudo isto e desmontar todo um processo de criação de mitos de toda a espécie que frutifica, acima de tudo porque as pessoas estão desprovidas de espírito crítico e tentam encontrar no irreal a droga que as vá mantendo vivas, já que a realidade, tão diferente, é mais difícil de encarar. Por outro lado, o êxito de produtos como este prova, em última análise, que as pessoas sentem necessidade de vivências que as acompanhem na vida diária, isto é, a realidade mesquinha do dia a dia não as satisfaz. E, como, em geral, não têm possibilidades de escolha entre diversas atracções inexistentes, acabam por se entregar ao doce e sonolento prazer de histórias apaixonantes mas inúteis, quando poderiam encontrar histórias apaixonantes de verdadeira importância na vida real. E, ainda e sempre, uma criação de falsos interesses, e não tão inocente como até pode parecer. Maria, a simples, é afinal, bem mais complexa do que parece.

## VILA DE ESPINHO — — CIDADE DE ESPINHO

Dos jornais: «...elevadas à categoria de cidade, as vilas de Espinho, tal e tal...».

E neste mundo de promoções, aquela praia tímida, ventosa, mar dentes-aguçados, ruas geométricas, prédios aritméticos, cafés, casino e mais isto e mais aquilo, eis aquela terra a exultar com o golo decisivo (?) que obtivera.

E a euforia vê-se. Quadras alusivas ao facto, «wellcomes» à nova cidade, agora é que vai ser, sinais de trânsito a esmo como se ser cidade implicasse complicação, subida de divisão já à vista para o grupo profissional, eu sei lá que mais.

A euforia vê-se. Mas para além da euforia eu vi que as ruas continuam a ter aquele péssimo pavimento da antiga vila, que se continua a testar a paciência dos automobilistas nas passagens de nível, que o mar continua a sua programada invasão ante o não-te-rais da população.

Certamente que haverá problemas a resolver com urgência e um deles não será, creio, a construção de uma fonte luminosa, ideia levantada nas páginas do jornal local com um dinamismo e alegria que fazem crer ser a fonte a mais premente necessidade de Espinho!

Temos inevitavelmente de nos convencer de que mudar nomes não significa mudar essências. Não é com a simples operação de gabinete transformando a vila A na cidade B que se solucionam os grandes anseios duma população.

Esta subida não aconteceu por acaso, nem por causa dos reconhecidos méritos da terra que saltam à vista. Esta bairrice fácil deve ser de imediato desmascarada.

Aliás, se falamos de mérito-justiça verificaremos que muitas terras portuguesas mereciam a promoção que ora se quedou no regaço orgulhoso de Espinho.

Espinho é a terra onde nasci. Ao contrário do que muitos pensam, este facto accidental não me autoriza o elogio gratuito e acritico, antes me impõe, na medida do que sou capaz, uma apreciação lúcida e serena do evento que quase todos comemoram de bandeira em punho.

Ser cidade não é apenas deixar de ser vila. Ser cidade não é ostentar um novo galardão, não é pugnar por fontes luminosas, não é semear sinais de trânsito sem critério, não é exhibir presunção acéfala diante de outras terras-vilas como o romano diante do bárbaro.

Espinho é — mesmo para aqueles que o não queiram — uma praia. Como praia deve ser fortemente encarada. Espinho-Praia.

Ora a praia está ali à vista de todos. E que praia? Uma minúscula fatia de areia constantemente ameaçada pelo mar.

Responderá a praia que temos às exigências daqueles que nos visitam e daqueles que aqui vivem? Que podemos esperar duma praia que diminui de ano para ano? Será honesto promover-se uma coisa que não existe? Onde estão as anunciadas obras de defesa sérias e não esse medieval amontoar de pedras pomposamente dito esporão? Ou será que Espinho não precisa de praia para nada? Não tem necessidade de se aproveitar da sua invejável situação geográfica?

Espinho-Cidade! Um passo teórico em que sentido? O problema não é só das entidades oficiais, é de todos!

Lisboa — Setembro de 1973

A. F. C.

# HOJE

---

## SUPLEMENTO

ELABORADO POR:

ANTÓNIO SANTOS

ALBERTO F. CAMACHO

JORGE CATARINO

## ATENTO, NA BOLA

Fatalistas como somos, era-nos pouco menos que evidente, ser o «jogo da bola», vulgo futebol, o fim único de quem descobriu que habita «UMA». Domingos Pimentel in «República de 12/9, propõe-nos a seguinte visão do problema:

«Rezam as crónicas que, num intervalo da batalha de Hastings, um guerreiro saxão deu um pontapé numa caveira, outro imitou-o, e mais e, passados minutos, disputava-se a primeira semi-oficial de futebol.

Tudo isso debaixo do olhar benevolente do Rei Harold e como este não sobreviveu ao combate, inclinamo-nos até para a hipótese de ter sido o árbitro...

Podemos afirmar portanto, não ter sido dos mais pacíficos o clima em que o futebol nasceu; mas o seu acolhimento por parte da plebe, fartinha de ver torneios em que a participação estava reservada aos nobres — o clero limitava-se a encomendar a Deus, a alma dos vencidos — foi tão bom que nunca mais quis outro desporto.

Longo tempo se passou desde 1066 até 1853, data da fundação do Foot-Ball Association em Inglaterra. Entretanto, o jogo foi evoluindo e, naturalmente, o objecto alvo dos pontapés, acompanhou essa evolução, passando pela beiga de porco, o trapo enrolado em forma esférica (o primeiro antepassado da trapeira...), a borracha, até à bola de couro actual. Criaram-se regras, fundaram-se clubes e associações, construíram-se recintos, luxuosos até, destinados à prática de tal desporto e até se inventou, tal como no teatro, o vilão ou seja o árbitro, para dirigir as partidas.

O futebol chegou a ser, aquando da sua introdução em diversos países, um desporto «bem», o que implica necessariamente, o ingresso da nobreza na sua prática, até então reservada aos plebeus.

Isto levantou um grave problema: o povo, afastado do seu único meio de diversão, poder começar a pensar noutras coisas, nomeadamente na forma de-

ficiente como vivia. Por isso, discretamente, como é seu hábito, a nobreza afastou-se e o Terceiro Estado reocupou as suas anteriores posições de praticante e espectador.

Embora não tivesse sido tratado congénere do de Methwen quem trouxe o futebol a Portugal, a sua raiz saxónica manteve-se, pois os seus introdutores, os irmãos Pinto Basto tinham regressado recentemente de Inglaterra.

E desde 22 de Janeiro de 1889, data do primeiro encontro efectuado em Portugal, entre portugueses e ingleses (cá estão eles, outra vez!) residentes no país, o futebol tem constituído a preocupação dominante do nosso povo. (...)

Futebol!... Menino nascido em berço de ouro mas em casa de pobre, profissional desfazido da dimensão do país, embora de instrução quase primária tem honras de grande senhor. Congressos em Lisboa e faz reunião cimeira (!) no Porto (...).

Eu achava melhor que nunca mais se descesse de divisão; só se subia... Em 1990, a nossa maior competição teria 50 clubes e como o número de jornadas excederia o de domingos, jogaria-se também às quartas. E às quintas. Todos os dias.

Então — suprema alegria das gentes! — só se falaria em futebol neste país. Mas também o que pode acontecer é que a assistência a esses jogos se resumia aos bombeiros e aos polícias.

Porque os espectadores já «acordados» — esperamos — talvez identifiquem as setas indicadoras dos estádios com quem pede fiado ao Zé Povinho e lhe respondam com o mesmo gesto...».

Ignoramos se a técnica deste «gesto» estaria no programa de alguém que já preconizou, entre nós, uma escola de espectadores de futebol. Essencial é, porém, o gesto, elemento de uma acção, que signifique atenção ao jogar desta Bola (Terra, planeta = transporte colectivo que alguns teimam em julgar privado), não, o simples gesto de apanhar bolas.

## A VENDA

Está nos nossos planos abordar, num próximo número deste suplemento, o problema das artes plásticas em Espinho. A existência nesta cidade de uma galeria de «Artes e Velharias», exposições várias na Piscina, Casino, etc., descoberta de jovens valores, têm dado ao assunto um volume que não podemos ignorar. Neste número, porém, o que se integra no espírito temático, é a autêntica exposição de arte das vendas, de que Espinho — a pacata — foi cenário este verão.

Exultamos, ingenuamente como veríamos, com o anunciar de uma exposição de pintura no Hotel Praiagolfe. Na secção cultural da A.A.E. iniciaram-se estudos necessários a uma apreciação válida por parte dos elementos que por lá andavam... A exposição abriu, ao serviço da cultura da população de Espinho?

A resposta encontramos-la em a «República» e pela mão de J. Vladimiro:

«Agosto. Um hotel de quatro estrelas. Porteiros, paquetes, recepcionistas, barmans, empregados de mesa no hall. Um salão revestido a marmorite e servido por confortáveis sofás. Algumas senhoras em digestiva conversa junto da mesa dos catálogos, presunçosamente vigiada por um venerando e panguido senhor. Oitenta e três pinturas nos «plackards» espalhados labirinticamente pelo salão. Vénias e algumas entradas.

Era uma exposição de pintura organizada, com certeza em prol de uma arte, de uma cultura, pelas «Galerias Dórdio Gomes», e «A Leiloeira do Norte, Lda.», (leiloeiros, antiquários, avaliações).

A publicidade, para além dos convites pessoais, era feita publicamente (por isso me lembrei da subscrição de

ações) por um cartaz onde sobressaltam os nomes de dois astros da arte burguesa, Miró e Poliakoff, acrescentando ainda que «alguns artistas portugueses dos nossos dias», também entravam na dança.

Dentro do tal salão e, à mistura com as gargalhadinhas das damas, constatei que oitenta dos quadros eram de «alguns artistas portugueses dos nossos dias» (Alvaro Lapa, Eduardo Feio, Vítor Belém, etc.) e os restantes estavam assinados (dois) por Miró e (um) por Poliakoff.

Pois, dois pontos para a Leiloeira e associada, por este salão estival. (Se a memória me não atraiça, mais de noventa por cento do artigo exposto tinha ficado meu conhecido no decorrer desta temporada, através das visitas feitas aos mercados pictóricos). Uma boa cabeça de cartaz (ou «isca» para a má-língua) e a «coisa» resulta sem dúvida. O investidor apareceu, o objectivo dito primordial, ou seja o de arrumar com os restos da temporada era alcançado. A ajudar estavam os preços: o mais caro da produção nacional era para 17 contos, a arte dos outros, Miró e Poliakoff) não tinha preço afizado, com certeza para evitar mal entendidos... A desacreditar o bom gosto artístico burguês, estava a grandecíssima confusão pictórica (de estilos, dirão os críticos da corte), que tornava (ainda mais) insuportável a «mostra»... bem, como era saldo dá-se-lhe o devido desconto.

João Vladimiro in «República» suplemento «Encontro» 31-8-73

O Provincianismo Cultural de Espinho sobre o que já nos debruçámos largamente não pode continuar, é certo; lutar contra ele através de manobras deste tipo também não!

## GENTE

Eram dois, melhor, três. *Ele*: meia-idade, gordo, um pouco calvo, fato escuro de corte tradicional. Colete, com relógio no bolso. *Ela*: algo mais nova (Ele tratava-a por «rapariga»), saia preta, comprida, às pregas, camisola amarela. Um alfinete de segurança espetado, sem mais, na camisola. Um ar de quem duvida, de quem nunca foi capaz de se dirigir a si mesma, nunca aprendeu a pensar por si. Dependente dele. O terceiro — o filho: dez anos, talvez, calça e camisola. Um ar desperto e curioso. Uma atenção ao que se passava à sua volta, movimentos rápidos dos olhos em redor, escutando as conversas. Uma família portuguesa, de hoje, de sempre.

Primeiro episódio: local — estação de camionagem de Espinho. Três bilhetes para a «Santa». Era domingo, iam talvez cumprir uma promessa. Depois de comprados os bilhetes *Ela* sentiu necessidade de ir à casa de banho. *Ele* indicou-lhe a mais próxima, que por acaso era a dos homens. E, já depois de ambos terem entrado, é que um empregado que assistira à atrapalhação de ambos os chamou, aos berros, dizendo que para *Ela* era do outro lado.

Segundo episódio: — entraram na camioneta e sentaram-se na parte da frente. Pouco depois, chegaram dois passageiros que lhes perguntaram se os seus bilhetes eram para aqueles lugares, que devia haver engano. Tinham verificado os números? Sabiam lá disso! *Ela* então disse, apenas: Não faz mal, a gente vai lá para trás. E foram. Com eles o filho.

Terceiro episódio: — próxima da santa, seu destino. A promessa. Tocam a campainha precipitadamente e fazem com que o carro pare de repente, antes da paragem. Todos os olham. Por fim, lá saem. Fora, olham para todos os lados e decidem-se por uma direcção que os não levaria à «Santa».

Perante cada um destes breves episódios, as pessoas que os presenciavam riam, falavam em voz baixa com ar de gozo, algumas trocavam piadas em voz alta. Era uma distração para ocupar o tempo morto da viagem. Eram um símbolo. Séculos de ignorância forçados os tinham gerado. A sua humildade surgiu na frase dela: a gente vai lá para trás. Tinham errado. Tinham tentado ir para a frente, mas em breve descobriram que o seu lugar é lá atrás. Mesmo que tenham direito aos lugares da frente. Para estes, há sempre alguém que reservou os bilhetes, antecipadamente, há muito tempo. E, que não se mostra disposto a ceder facilmente.

Seria fácil rir. Eram realmente ridículos. Mas rir deles é rir de nós próprios, é um riso que sabe a coisas velhas e dolorosas, é um gozo que cai sobre quem o faz. Rir deles é a maneira mais fácil de fugir a uma realidade evidente e amarga. Rir deles é colaborar com tudo que assim os fez e assim os conserva. Rir deles é a impotência.

Eram dois, melhor, três: há uma criança.

A. S.

## Chegou à Ford de S. João da Madeira a «Força de Assalto» Ford Escort

Uma «força» em equipamento • Uma «força» em performance • Uma «força» em acabamentos

**NOVO 1100 S** 2 portas  
Condução agradável Economia.  
Ampla porta-bagagens 55 BHP  
Vel. máx. 134 Km/h

**NOVO 1300 L** 2 e 4 portas  
Conforto Suavidade Performance  
65 BHP 0-100 Km em 17,8 s  
Vel. máx. 145 Km/h

**1300 GT** 2 e 4 portas  
Equipamento completo. Interior requintado  
Super-performance. 82 BHP 0-100 Km em 14,3 s  
Vel. máx. 160 Km/h

**1100 «LEVA-TUDO»** 3 portas  
Grande espaço interior (1,39 m<sup>3</sup>)  
Versatilidade Economia  
Robustez 55 BHP

E todos com Travões de Disco e Servo-Freio!



EM EXPOSIÇÃO  
E DEMONSTRAÇÕES NA

Ford à frente!

**AUTO COMERCIAL OURO, LDA.**

RUA OLIVEIRA JÚNIOR, 137 - S. JOÃO DA MADEIRA

**J. PINHEIRO DE MORAIS**

MÉDICO

Clínica Geral

Diagnósticos

Consultas com hora marcada

Rua 20 n.º 390

Telef. 920452

ESPINHO

**Carlos Matos Viegas**

MÉDICO

**Clínica Geral**

Boca e Dentes

Rua 19 n.º 304-1.º Dt.º. — Tel. 921024

**José Luís F. Barbosa**

MÉDICO ESPECIALISTA

**Doenças dos ossos e Articulações**

Consulta todas as 3.ªs feiras a partir das 14 horas, na Policlínica do Dr. Miranda Valente — Rua 31 n.º 321 — Espinho — Telefone 920689, p. f. marcar consulta.

**Dr. José Manuel Gomes de Almeida**

Clínica Médica e Cirúrgica

RUA 19, 364-1.º - ESPINHO

Consultas marcadas pelo tel. 921218

**CASA DE SAÚDE DE ESPINHO**

Reabriu para internamento em Cirurgia, Partos e Medicina, estando ao dispor de todos os Clínicos

**Dr. Rogério Ribeiro**

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º — Telefone 921 014

Rua Santa Catarina, n.º 778-1.º—PORTO

Telefone 33868

**Medicina Laboratorial****DR. VICTOR HUGO**

Rua 19 n.º 178-1.º Esq.—Tel. 920807

**DR. SECO JULIÃO**

Médico

Consultório—Rua 19 n.º 178-1.º Esq. Telef. 920807

às 2.ª 4.ª e 6.ª feiras com hora marcada a partir das 15 horas

**Dr. Aucíndio Valente**

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais

RUA 20 N.º 500-1.º-TEL. 921014

Dias: 3.ªs e 6.ªs feiras com hora marcada

**Pinto de Matos**

Médico Especialista, ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

**Ausente em Inglaterra**

Rua 19 n.º 364-1.º - Tel. 921218

ESPINHO

**Dr. Ferreira de Campos**

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

**Dr.ª Emília Pedrosa Santiago**

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

**José Oliveira**

Solicitador encartado

ESCRITÓRIO:

Rua 19 - 401 - 1.º — Tels. 920093 920959 P.F.

RESIDÊNCIA:

Rua 9 - 868 — Tel. 920770

**Dr. Lima Santiago**

ADVOGADO

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

**Centro de Enfermagem de Espinho**

III

Rua 16 n.º 868

Tel. 921587 (das 8 às 24 h.)

Tel. 922329 (« 24 às 8 h.)

ESPINHO

Uma Organização

ao Serviço do

MÉDICO e do DOENTE.

Aberto das 9 às 24

**RASCUNHOS**

Pessoalmente não gosto de festas populares no estilo das da Senhora da Ajuda, por mor das quais as ruas de Espinho se apinharam nos últimos sábado, domingo e segunda.

Detesto os encontrões e as pisadelas nos calos, especialmente num calo de estimação que teima em não me largar. Detesto o barulho dos foguetes que me dá cabo dos tímpanos. Detesto a basbaquice perante as ornamentações, a boca aberta perante o foguete de lágrimas, a porcaria dos restos de alimentação que se lançam para qualquer lado sem o mínimo vislumbre de respeito pela limpeza ou pela integridade física de quem se arrisca a sofrer uma queda por pisar uma casca de banana ou de melão. Detesto o piropo insolente que muitos rapazes deitam às moças que passam e igualmente detesto certas respostas deslavadas que elas dão a tais piropos. Detesto o lauto negócio dos carros-sés e das pistas de automóveis que mantêm o preço e reduzem a duração da corrida sem que nenhuma fiscalização de preços lhes vá às mãos ávidas.

Detesto tudo isso e muito mais coisas ligadas às festas populares com pseudo-religiosidade a querer imprimir-lhes um halo especial. Mas o facto de ter dentro de mim tal antipatia não pode autorizar-me a impedir que outros, e em muito maior quantidade que a dos que comungam com as minhas ideias, gostem do arraial. E é em nome dessa minha submissão às opiniões alheias

quando elas colidam com as minhas que tenho que aceitar certos reparos que me chegam aos ouvidos.

Entre não fazer a festa de Espinho e fazê-la como este ano, mais valeria não fazer nada. A coisa é de uma pobreza tão franciscana que arrepiava até quem, como eu, não gosta de romarias. Afirma-se que houve o propósito de tornar os festejos aceitáveis a uma cidade, ainda por cima uma cidade turística. Como cidadão a coisa não me lisongeia. Quanto a turistas, pergunto-me onde estão os setembrinos que os não vislumbro. Isso era em tempos, quando os mastros da festa não serviam de iman para a chuva outonal que sempre se antecipa. O Verão acaba em 31 de Agosto e não há mais mé nem meio mé.

Verificado que está que os festeiros vêm cá sempre, haja ou não mastros, como acontece na segunda-feira de Páscoa e na do Carnaval, talvez para o ano pudesse experimentar-se novo sistema. Organizava-se uma comissão que abordaria o comércio para a costumeira subscriçãozinha. Do dinheiro apurado elaborava-se um cartaz a anunciar as festas. Mas não havia ornamentações, nem foguetes, nem pistas, nem barracas de faturas, nem bandas de música, nem mais nada do pouquíssimo que houve este ano. O saldo líquido beneficiaria qualquer instituição mais necessitada. Talvez a experiência resultasse.

C. P. M.

**COLÉGIO DE N.º S.º DA CONCEIÇÃO**

CURSOS: Liceal • Ciclo Preparatório • Primário • Infantil •  
Iniciação Musical • Artes Plásticas e Decorativas •  
Música com Exames no Conservatório • "Ballet" •

Telefone 920303—ESPINHO

**Fábrica**  
de  
**Artigos**  
de  
**Celuloide e Plásticos**

**LUSO, CELULOIDE**

de

**Henriques & Irmão, L.ª**

☆

APARTADO 22

TELEFONE 920070

☆

**ESPINHO**

# BANDA DESENHADA

(Continuação da pág. 10)

o protótipo da narrativa onírica desenvolvida em ambientes estranhos que fazem de McCay um dos precursores do surrealismo.

Com George Herriman em 1911 e com Pat Sullivan 10 anos mais tarde temos ocasião de entrar no mundo dos animais. O primeiro criou e desenhou até à sua morte (1944) as aventuras de KRAZY KAT um gato (ou gata?) que ama um rato (Ignats «que ignora qualquer espécie de amizade e detesta toda a gente») e que por sua vez é amado(a) por um cão (Pupp «que encarna a ordem e a justiça»). O segundo criou o GATO FÉLIX que com poesia e inocência se desenvencilha das encrências em que se mete. Um outro animal haveria de surgir mais tarde (1928) e que se tornaria famoso em todo o mundo, MICKEY MOUSE criado pelo conhecido Walt Disney cujas produções haveriam de encarnar uma ideologia expansionista e capitalista. No entanto, já em 1924, Harold Gray tinha introduzido a ideologia política (neste caso a da extrema direita) nas H.Q. quando criou e desenhou LITTLE ORPHAN ANNIE.

Eis que surge o fim dos anos 20; é então que vemos surgir o comedor de espinafres; é POPEYE que surge pela pena de Elzie Segar, é também quando surge em França a revista «Coeurs Vaillants» que retomará as aventuras de TINTIN que tinham começado a publicar-se no jornal «Le Petit XX».

Temos falado até aqui da B.D. de origem americana, no entanto também em outros países houve criações, porém sem atingirem a importância e a expan-

são das americanas, salvo algumas histórias francesas tais como:

FAMILLE FENOULLARD criada por «um professor, que pensa que o riso não é incompatível com a sabedoria», em 1889, chamava-se ele Georges Colomb (Christophe).

BÉCASSINE «bretã ingénua que aparece em 1905 na revista «La Semaine de Suzette» fundada por G.-Languereau que foi também o argumentista (o desenhador era Pinchon).

LES PIEDS NICKELÉS aparecidos em 1908 pela mão de Forton começam os seus estragos em «L'Épatant».

ZIG E PUCE trazem a aventura com eles. Aparecem no ano de 1925 desenhados por Alain Saint-Ogan um dos mestres da B.D. europeia.

Histórias que se encontram no mercado português:

— Os Sobrinhos do Capitão: revista Carlitos (edições Alfa) suplemento Quadrinhos (do Jornal «A Capital»).

— Mickey Mouse: revistas editadas no Brasil.

— Popeye: album da Editorial Presença, suplemento Quadrinhos e Jornal do Cuto.

— Zig e Puce: revista Tintin.

Nota: É de ter em conta que algumas destas histórias já não são desenhadas pelos seus criadores o que na maioria dos casos quer dizer que a sua qualidade diminuiu.

M. G. e A. C.

# CINEMA

(Continuação da pág. 10)

«filmes novos» pretendem (ou deveriam pretender) uma «conquista» do público, que desconfia do cinema português, por culpa do mesmo, pois salvo raras excepções, não soube criar no sentido total da palavra.

2— Realidade (portuguesa) sobre que se debruça.

Sobre este aspecto o de Fonseca e Costa é exemplar pois «soube evitar esse país imaginário onde geralmente os realizadores fazem cair os seus evasivos filmes». «O Recado» situa-nos, por todo um registo de filtragem quotidiana (o noticiário, o folhetim do sabonete/dentífrico, o boletim do totobola, procissões, familiaridade de locais) dentro duma realidade superficialmente pachorrenta, bem mais agreste quando se dobra a esquina e ultrapassa a fachada». (José Vaz Pereira, in «Diário de Lisboa», 3-3-72).

3— Ambiguidade.

Transcrevo de «O Comércio do Porto», de 6-7-73 e assinado por F. Gonçalves Lavrador: «Neste filme, mesmo certas ambiguidades da acção que representam evidentes limitações quando encaradas sob determinados pontos de vista, se transformam em qualidades expressivas e significativas ao integram-se no contexto da obra, na estrutura fílmica adoptada e num tipo de leitura que exige a colaboração do espectador. Sem dúvida que estas características foram em grande parte impostas pelas circunstâncias, mas nem isso tira

qualquer valor à realização de Fonseca e Costa. Com efeito, um dos aspectos fundamentais da actividade artística é a superação das limitações, das lacunas, das insuficiências de ordem material e técnica, que se transformam em «meios formadores». No fim de contas, foi esta superação, este aproveitamento estético-linguístico duma limitação inevitável o que conseguiu Fonseca e Costa de modo que podemos considerar brilhante. É claro que daqui resultou uma certa dificuldade de «leitura» para um público completamente alheio a este condicionamento, prejudicando-se assim a comunicabilidade obra — facto sempre de lamentar.

## A PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA LEMBRA QUE...

...o álcool atraiçoa-nos nos momentos de maior responsabilidade, roubando-nos reflexos que são indispensáveis para conduzir com prudência. Beba com moderação antes de pegar no volante.

# EUROSPUMA

Sociedade Industrial de Espumas Sintéticas, Limitada

ESPUMAS DE POLIURETANO PARA TODAS AS APLICAÇÕES

COLCHÕES — ALMOFADAS

ESPUMAS PARA ESTOFOS — ESPONJAS

DELEGAÇÃO EM LISBOA

Av. Visconde Valmor, 56/Rc.

Telefs : 768368-770583-765267

SEDE EM ESPINHO

Telefones PPC 921121/2  
920678

Telegrs.: EUROSPUMA  
Telex. 2257 FOAM-P  
Apartado 95

# BANCO PINTO DE MAGALHÃES

O SEU BANCO

PORTO

LISBOA

AGÊNCIAS E CORRESPONDENTES EM TODO O PAÍS E NO ESTRANGEIRO

# DESPORTO

## SECTOR DA JUVENTUDE

Nesta Secção de «D.E.» tínhamos sugerido a criação de um SECTOR DA JUVENTUDE no Campo da Avenida. Na última Assembleia-Geral Extraordinária do S.C.E., a tal que foi uma utilíssima MESA REDONDA entre Associados e Direcção, esta representada, e muito bem, pelo Seu Presidente, tivemos a grata satisfação de ouvir o Dr. Gomes de Almeida anunciar que, sim senhor, já se haviam iniciado as «démarches» para concretizar a ideia.

Exultamos, não pelo facto de termos seguido um alvitre nosso, pois uma das missões do Jornal, no seu papel de órgão da Imprensa, é precisamente sugerir quanto lhe parece de utilidade, mas em face de se ter atentado na importância de chamar a JUVENTUDE ao Campo da Avenida, abrindo-lhe as portas graciosamente, fomentando assim o gosto pelo futebol, para criar viveiros de futuros espectadores.

De louvar a atitude da Direcção do S.C.E.

## À MARGEM DO ESPINHO-FAMALICÃO...

Acácio, o voluntarioso médio espinhense, que fontes idóneas e bem informadas nos assinalam como profissional probo, tem alinhado lesionado da mão esquerda, mas nem por isso deixa de se entregar generosamente à luta, num exemplo de *dignidade profissional* e de *vero desportivismo*, que não podem, nem devem, passar despercebidos, nesta época materialona, avara de bons exemplos e belas atitudes.

Bravo, Acácio!

— x —

Falou-se na última Assembleia-Geral Extraordinária da necessidade de uma fiscalização efectiva às portas, visto que havia muitas penetrações lesativas dos interesses financeiros do clube.

Demos em reparar no movimento das portas e diríamos que, nesta época de renovação do S.C.E., talvez a aplicação

das *borboletas* nas entradas, e nem tantas seriam, ajudariam imenso a evitar os *borlistas*.

— x —

Soubemos que o enfermeiro *Simões Neto*, a pedido do Dr. Gomes de Almeida, acedeu em voltar às fileiras espinhenses, para prestar obsequiosamente os seus serviços à equipa de futebol e lá estava no «banco» pronto para acorrer se preciso fosse.

Sem dúvida que o Presidente *pede e consegue!*

— x —

De assinalar o cuidado de terem reservado na bancada de emergências, um sector para a Imprensa, atitude que merece o realce devido, porquanto, nem sempre, há a devida compreensão por aqueles que precisam de condições para trabalharem.

C. S.

## GOLFE EM MOÇAMBIQUE

Os Espinhenses radicados em MOÇAMBIQUE, também aqui se sabem evidenciar em desportos o que também traz um certo prestígio à terra onde nasceram e se sentem ligados por familiares e amigos.

O nosso conterrâneo e assinalante da «Defesa de Espinho», MANUEL COUTO, radicado em Lourenço Marques e muito dedicado a Espinho, e que tão bem soube receber o Presidente da nossa Câmara Municipal, Dr. Manuel Baião Nunes dos Santos, quando da sua visita a Lourenço Marques, pelo II Congresso das Câmaras Municipais, acaba de conquistar, em Golfe, com o seu par Dr. Armando Morais, a «Taça Standard Totta» obtendo 47 pontos numa competição disputada entre 50 pares inscritos e realizada no último fim de semana, no


Campo do CLUBE DE GOLFE DA POLANA, em Lourenço Marques, não sendo esta a primeira vez que este jogador aqui se evidencia em competições.

H. B.

## PARAQUEDISMO

No prosseguimento das actividades do Centro de Paraquedismo da Mocidade Portuguesa e com a colaboração do Regimento de Caçadores Paraquedistas de Tancos e do Aeroclube da Costa Verde—Espinho, os alunos do 1.º Curso de Paraquedismo do Centro Especial de Paraquedismo, realizaram nos pretéritos dias 8 e 9 de Setembro, em Espinho, cerca de setenta saltos de abertura automática, a contar para uma totalidade de dez saltos por aluno, necessários para a concessão das asas de paraquedista civil.

Dada a fase já avançada do curso, espera-se levar a efeito a cerimónia de imposição das insígnias num futuro muito próximo, cuja data será anunciada oportunamente.



**GRANDE  
CASINO  
DE  
ESPINHO**

**ONDE O  
NORTE  
SE  
DIVERTE!**

### • MÚSICA DE BAILE •

*Pelos apreciados Conjuntos de*

**JOSÉ QUELHAS-TONY SAMPAIO**

e **LOS WINDY'S** (*espanhol*)

### • VARIADADES •

**SCHOCK SHOW BALLET**  
BAILARINAS

**LOS 3 SOLES DEL PARAGUAY**

MAGNÍFICO TRIO VOCAL

**TONY DE MATOS**

Conhecido cançonetista da Rádio e T. V.

### • MÚSICA E DANÇA •

**NO SALÃO DE FESTAS**      **NO RESTAURANTE**  
Restaurante (M/ 14 anos)      "Boite" (M/ 21 anos)

**JANTARES CONCERTOS**

**Esmerado Serviço**

**NO SALÃO DE FESTAS**

Matinéas Dançantes (M/ 6 anos)

Aos DOMINGOS às 16 horas com o

**QUARTETO TONY SAMPAIO**  
SLOT - MACHINES

### • CINE-TEATRO •

SESSÕES TODOS OS DIAS

## CASA LUCIANA ≡ Boutique

Rua 19 n.º 318 — ESPINHO

Representante em ESPINHO dos Brinquedos "SÓBRINCA" e dos artigos de viagem "TAURO"

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem,

Calçado, Artigos de Fantasia — NOVIDADES!

### Bons Estabelecimentos

À beira-mar, na esplanada, junto ao Hotel PraiaGolfe, alugam-se. Falar no local ou por telefone 92 09 74, das 15 às 18 horas.

### EMPREGADA PARA ESCRITÓRIO

Com bastante prática de serviços comerciais. Oferece-se. Resposta à Redacção deste jornal ao n.º 23

### SALAS DE ESTUDO OLIVEIRA MARTINS

EXTERNATO

Largo da Graciosa n.º 43-1.º e 2.º  
ESPINHO

Preparação intensiva para o ciclo preparatório, 2.º e 3.º ciclo liceal.

Centro de explicações até ao 7.º ano.

Informações e inscrição: provisoriamente na Escola Dactilografia Delta,

TELEFONE 921655

### PRECISA-SE

Garagem independente. Ventilada. Dimensões mínimas 5x3m. Indicar preço/mês e local.

Resp. à Administração ao n.º 24

### EMPREGADA DE BALCÃO

PRECISA

**CONFEITARIA DOCEMAR**

Falar das 20 às 21 h.

### PRECISA

Pessoal indeferenciado, livre de serviço militar

**CETAP — Centro Técnico de Aplicação de Plásticos**

**ANTA — ESPINHO**

### VENDE-SE

BAIRRO de cinco moradias com 500 m<sup>2</sup> de quintal, em Sales-Silvalde, denominado «Bairro de Chão». Informa pelo telefone 921044 das 9 às 13 horas

### Passa-se EM ESPINHO

Casa de pasto «BARRACÃO»  
Junto à feira semanal

Contactar pelo telef. 920667

### Auxiliai o

**HOSPITAL DE ESPINHO**

### Empregada

Precisa-se, para trabalhar em Espinho e no Porto. Até 16 anos, dactilografia (ou aprendizagem), residente entre Espinho e Porto. Falar na Rua 19, n.º 192-1.º, às 14 h.



# desporto

ORIENTAÇÃO DE  
ROLANDO DE SOUSA

## FUTEBOL

### SP. DE ESPINHO, 2-FAMALICÃO, O

RESULTADO CERTO,  
EXIBIÇÃO ASSIM-ASSIM

Jogo no Campo da Avenida, bem emoldurado de público; tempo bom. Arbitragem: Guilherme Alves (Porto), auxiliado por António Resende (banca) e Mário Pinto (peão).

SP. DE ESPINHO — Luz; Ribeirinho; Simpício, Gonçalves e Gomes (cap.); Acácio, Meireles e Ferreira da Costa; Augusto, Júlio e Malagueta. Suplentes: Jorge, Pereira, José Pedro, José Carlos (substituiu Júlio aos 73 m.) e Artur Jorge (substituiu Acácio aos 80 m.).

FAMALICÃO — Conde; Valdemar, Iria (cap.), Vitor e Albino; Egídio (Caetano aos 55 m.) e Luís Carlos; Miranda, Leandro, Vasco e Ventura (Teixeira aos 68 m.).

Ao intervalo: 1-0.

Golos: Por Acácio, aos 29 m.; apanha um ressalto e desfere soberbo pontapé (inesperado) de fora da área, que ainda embateu no poste; por Meireles, aos 69 m., lançado e isolado por Malagueta, esperou a saída de Conde e atirou para o melhor sítio.

Expectativa no Campo da Avenida. Era a estreia, em provas oficiais, da nova equipa espinhense. Defraudada um tanto, porquanto os locais ainda não se apresentaram na máxima força.

De qualquer maneira, porém, a turma «alvi-negra» impôs-se desde o início do prélio, assenhoreando-se do comando do jogo, determinando o sinal ofensivo, embora sem jogar em pleno. Aliás, nada de estranhar, pois a turma sofreu muitas transplantações e modificou os processos, já que tem outro técnico.

Os espinhenses foram logo para a ofensiva, tanto mais que o antagonista denotou, de imediato, o propósito de defender deliberadamente e cingir-se ao veneno do contra-ataque. Contudo os movimentos dos locais emperravam, sobre o modo pelo povoamento do meio-campo famalicense e, assim, a linha medular espinhense não encontrava o

devido discernimento, nem o ritmo adequado, enquanto lá na frente os atacantes não se abriam, nem abriam a defensiva contrária, pouco perfurando e mostrando-se de alça ainda desafinada.

Os locais, apesar dos hiatos assinalados, remediados neste encontro, até pelo aparecimento do primeiro golo à meia hora, foram sempre senhores da situação, dando indicações positivas e deixando antever sensível melhoria quando o entrosamento aparecer e após se ter assentado numa equipa-base.

O resultado surge como justo e de inteiro merecimento, reflectindo as diferenças constatadas no terreno entre as duas turmas, já que uma — a do Sp. de Espinho —, sem atingir a bitola exibicional que se crê ao seu alcance, se entregou totalmente à tarefa de ganhar o jogo e fazer o melhor resultado, enquanto a outra — a do Famalicão — veio predisposta a perder por poucos, fechando-se e esperando um golito solitário, que poderia ser maná e um bico-de-obra para os locais.

A defensiva espinhense esteve certa no que teve de fazer, passe um desentendimento que ia dando golo; nos médios, que não resolveram todos os problemas, salientamos Ferreira da Costa e João Carlos quando entrou, embora Meireles também chamasse por vezes a atenção; lá na frente, os homens não estiveram discernidos, nem expeditos, embora Malagueta tivesse apontamentos e a pecha de se agarrar ao esférico, e Augusto decaísse muito para tentar o remate de ângulos inverosímeis. O certo é que os avançados deixaram aos médios a missão de fazerem os golos e isso abona pouco em seu favor.

Em síntese, resultado certo, com exibição menos certa, mas natural atendendo às circunstâncias, deixando a equipa intactas as esperanças que nela se depositam.

O trio de arbitragem sem problemas, sem cartões amarelos, com maior número de asneiras do que seria admissível, mas era uma estreia e estamos no dealbar da época e a boa forma anda ainda arredia.

C. S.

## Desportistas Espinhenses participaram no Colóquio Nacional de Voleibol

Desde o dia 17 de Setembro que tem vindo a realizar-se, na Casa do Desporto, o Colóquio Nacional de Voleibol, uma oportuna iniciativa da Associação de Voleibol do Porto.

Após a sessão de abertura, presidida pelo Delegado da D. G. dos Desportos, Dr. Paulo Sarmento, foram apresentados dois trabalhos: «Relações Clubes-Associação» (M. Cunha Moreira) e «Campo e Acessórios de Jogo» (Silva Mineiro). Na noite seguinte, outros dois trabalhos foram lidos e discutidos, subordinados aos temas: «Processos de Filiação» (Adolfo Costa) e «Louvores e Penalidades», este da autoria do conhecido voleibolista José Salvador.

Na terceira jornada do Colóquio, além da comunicação «Problemas da Arbitragem» (Alberto Mendes), apresentou-se outra focando «Fomento Desportivo da Modalidade», trabalho do espinhense Carlos Sárria. A sessão seguinte teve a presença de Carlos Ferreira, elemento ligado ao voleibol do Sp. de Espinho, que se referiu ao tema «Propa-

ganda da Modalidade», enquanto que o Prof. Manuel Puga se ocupou de «Aspectos Técnicos da Modalidade».

Ontem discutiu-se «Voleibol e a Medicina Desportiva» (Dr. Aníbal Justiniano) e «Legislação da Modalidade» (Dr. Fernando Barros), terminando hoje o Colóquio com a apresentação de duas comunicações. Uma sobre «Desporto Escolar e sua integração no Federado» (Dr. M. Cerqueira Correia) e outra relativa a «Desporto Corporativo e sua integração no Desporto Federado», trabalho do Eng. Arménio Gomes, elemento afecto ao desporto espinhense.

Após uma reunião para votação das conclusões, haverá a Sessão de Encerramento, seguida de um jantar de confraternização desportiva dos participantes.

No próximo número deste jornal contamos voltar a ocupar-nos com as conclusões deste Colóquio de Voleibol, uma organização que justifica merecidos louvores.

Agradou-nos ver cartazes, espalhados por diversas montras, a convidar a juventude a praticar futebol no S.C.E. O facto confirma o interesse do Clube na formação de futebolistas, o que constitui obra merecedora de aplausos.

Alguns dos jovens praticantes, dos muitos que normalmente se inscrevem, além dos benefícios que tiram da prática desportiva, acabam por corresponder aos interesses da Colectividade e são promovidos à categoria de seniores. Lembramo-nos que na época passada chegaram a alinhar oito ex-juniores na equipa principal, facto que só por si diz claramente do interesse que há na iniciação dos atletas dentro do Clube.

Ainda bem que há cerca de dois ou três anos a regulamentação oficial dá maior protecção aos clubes que procuram ter nas suas categorias jovens, o viveiro das suas equipas principais de futebol. Tivesse havido há mais tempo essa protecção e possivelmente não existia agora um problema que aflige os directores em exercício. Referimo-nos à necessidade de mais um guarda-redes, lugar que podia estar preenchido pelo Fidalgo (no Benfica) ou pelo Jesus (no Porto), ambos valorosos atletas saídos dos juniores do Sp. de Espinho.

Aplausos, pois, pela continuidade do trabalho junto dos jovens jogadores e pela oportunidade que lhes é concedida de terem, este ano, à sua frente um técnico que começou a distinguir-se precisamente como orientador de juniores e juvenis, posição em que chegou a ser treinador da selecção nacional.

★

Termina hoje o Colóquio Nacional de Voleibol organizado pela associação portuense da modalidade, no qual participaram alguns desportistas espinhenses, a cuja sessão de encerramento, esta tarde, preside o Secretário de Estado da Juventude e Desporto, Dr. Valadão Chagas.

Aproveitando a presença no Norte de tão relevante individualidade desportiva, a «Defesa de Espinho» tomou a iniciativa de dar os passos necessários para que alguns membros do seu corpo redactorial sejam recebidos pelo Dr. Valadão Chagas a quem vão entregar fotocópias de exposições há muito dirigidas ao Secretariado da Juventude e Desportos, remetidas pelo Sporting e pela Académica de Espinho e que até a esta data não obtiveram qualquer resposta.

Recorde-se que as referidas exposições visam, no que se refere à Académica, a obtenção de equipamento para valorização das suas classes de ginástica e, no caso do Sporting, a necessidade premente de inscrever a sua Secção de Andebol na Associação do Porto.

Espera-se que a iniciativa patrocinada pelo nosso Jornal seja devidamente interpretada pelo actual Secretário da J. e Desportos, pois outra ideia não há do que dar nova forma às chamadas de atenção feitas pela Imprensa, nomeadamente pela «Defesa de Espinho», a quem não podem passar despercebidos os problemas relacionados com a valorização da vida local.

A. A. G.

### GINÁSTICA NA ACADÉMICA

É já no próximo dia 8 de Outubro que principia a actividade das classes de ginástica, para miúdos e miúdas dos 4 anos em diante.

As inscrições podem ser feitas no Pavilhão da A.A.E. ou na sua Sede, todos os dias úteis das 13 às 20 horas.

Está em organização, nesta nova época, a exemplo do ano anterior, um Curso para Senhoras, devendo as interessadas dirigir-se à Prof.<sup>a</sup> D. Irene Mota ou a D. Maria Otilia Rocha da Silva, no Mar de Prendas, para informações ou inscrições.



## SAL... PICOS

Por BANZÉ & C.<sup>a</sup>

### COISAS QUE ESPANARAM O BRILHO DAS FESTAS

- Só ter havido, lamentavelmente, dois cartazes diferentes a anunciar a mesma festa. — x —
- Não terem tido o cuidado de manter a tradição, exibindo o extraordinário filme «Capas Negras». — x —
- Imperdoável, não substituírem a «Feira das Cebolas» pela «Feira dos Nabos», pois com os espécimes que por aí existem era um êxito. — x —
- A falta, no arraial, das barracas brilhantes com que a Cêpê tem animado a nossa terra. — x —
- Chamarem fogo de artifício, quando aquilo é mais de artifício. — x —
- Terem anunciado concertos, mas, afinal, as ruas, os passeios, o trânsito, etc..., continuam desconcertados. — x —
- Não haverem cobrado duas c'roas aos forasteiros, por subirem a última vez a «passarelle», monumento que vai p'ró museu. — x —
- A não contratação da Banda dos Automobilistas, para uma exibição de música de claxon. — x —
- Ter falhado a maior atracção da festa: a estreia do Telé.

## CINEMA

### OS FILMES DA SEMANA

#### O HOMEM NU — de ROBERTO SANTOS

(...) No filme de Roberto Santos, é evidente que o que o faz funcionar a um nível de constante provocação é a ideia que o põe em funcionamento: devido a um incidente inesperado, um homem vê-se nu numa cidade, forçado a uma fuga permanente das pessoas que (surpreendidas? curiosas? ofendidas?) o perseguem. Mas, e é curioso notá-lo, essa provocação não provém tanto do insólito do facto, como da inteligência que o filme demonstra em não passar para além do próprio facto. Quer dizer: será inútil procurar em «O Homem Nu» uma imagem que nos permita obter uma explicação segura e cómoda: «O Homem Nu» simbolizaria isto ou aquilo. Pelo contrário, estamos em presença dum facto brutal porque evidente no seu próprio absurdo, inexplicável para além do acontecimento fortuito que lhe deu origem (...).

O final de «O Homem Nu» com a presença na televisão do editor que inventa uma explicação racional para o facto, serve para pôr a claro os mecanismos de uma sociedade que não admite, no seu interior, o absurdo de um acontecimento desconcertante. Com a racionalização do facto, fecha-se um círculo, preserva-se uma ordem.

Que a integridade se salve com uma racionalização abusiva, é isso que o filme de Roberto Santos recusa, expondo a sua fragilidade evidente. «O Homem Nu» é um desses filmes que têm o mérito de obrigar o espectador a evitar a facilidade das explicações imediatas e o comodismo de um cinema de razões eternas e imanescentes forçando-o, numa palavra, a agir. «O Homem Nu», é um filme nu.

(João Lopes, in «República», 10-7-73)

#### O RECADO — de FONSECA e COSTA

Eis que nos chega o segundo filme do que se convencionou chamar Novo Cinema Português. Depois da apresentação de «O Passado e o Presente», vamos ter a oportunidade de (re)ver «O Recado», que considero dentro do tal cinema novo e dos que vi (os referidos e o «Pedro Só») como sendo o mais interessante.

Tendo esta nota por finalidade chamar a atenção das pessoas para a exibição do filme quero referir 3 pontos, que entre outros, acho que se devem tomar em atenção na visão deste filme: 1 — Desconfiança do Público.

Tanto «O Recado» como os outros

(Continua na pág. 7)



## UM POUCO DE HISTÓRIA

Para se compreender a génese das histórias aos quadrinhos é necessário conhecer certos criadores e certas obras, que marcam uma evolução decisiva na narração figurativa. Este estudo poder-se-á apelar de história da B.D. ou H.Q. (Histórias em Quadrinhos).

Ora, um estudo deste tipo, além de requerer um conhecimento directo das obras fundamentais, põe-nos uma questão de opção:

— Ou se limita a uma enumeração enciclopédica de nomes e datas.

— Ou se procura dar um apanhado geral (embora com falhas) das condições económicas, políticas, culturais, sociais, etc., que motivaram o aparecimento e difusão de uma(s) determinada(s) obra(s) e não de outra(s).

Perante estas duas hipóteses, é evidente que a primeira é de recusar, visto o seu interesse ser bastante relativo, enquanto que a segunda nos põe alguns senões, tais como: limitação de espaço, desconhecimento relativo (pela nossa parte) de algumas obras e das condições em que surgiram, impossibilidades dos leitores interessados poderem consultar as obras referidas (visto se poder dar o caso de não as haver no mercado ou no caso afirmativo atingirem um preço proibitivo).

Atendendo ao exposto, voltamo-nos para a segunda hipótese e referiremos, sempre que possível, autores e personagens

que se encontrem no mercado português.

Entrando propriamente no assunto, que nos irá ocupar durante 2 ou 3 artigos, uma questão desde já se põe: quais as origens das H.Q.? Devemos dizer que sobre este ponto existe uma certa polémica, pois para alguns a Tapeçaria de Bayeux, a coluna de Trajano, etc., são a manifestação primitiva da B.D., para outros não. Porém uma coisa é certa. «Só nos séculos XVIII e XIX se produz a integração dos elementos que constituem a linguagem estrutural dos quadrinhos. É neste contexto histórico e cultural que surgem as imagens de Épinal, arte popular apoiada por uma técnica de reprodução embrionária; os magazines infantis que inserem histórias sentenciosas e de fundo humorístico, utilizando uma sequência uniforme, com textos copiosos por baixo das vinhetas; e as criações de Rudolph Topffer (1799-1846), cujo estilo elíptico antecipa a moderna técnica dos quadrinhos» (fanzine Copra 2 — pedidos a R. de Montarroyo, 28 — Coimbra).

Um marco e este importante na evolução figurativa foi o uso do balão — «artifício usado para indicar o diálogo dentro de um desenho». Aqui abro um parêntese para lembrar que já na Idade Média era usado nas iluminuras um sistema idêntico, eram os chamados «phylacteros» (sendo o nome filacteria ainda hoje usado para designar o balão).

## BANDA DESENHADA

ORIENTAÇÃO DE  
MORAIS GAIO  
E ADRIANO CARDOSO

Novamente aqui surge a divergência pois para uns foi o personagem YELLOW KID (criado e desenhado por Richard F. Outcault e aparecido na sua forma definitiva no ano de 1896 no jornal New York World) o 1.º a usá-lo; para outros foi a história THE KATZENJAMMER KIDS — Os Sobrinhos do Capitão — (desenhada por Rudolph Dirks e aparecida no New York Journal em 1897).

THE YELLOW KID foi porém «o primeiro herói (marcado) pelos imperativos do consumo» (Copra 2) iniciando assim uma competição de ordem económica e de prestígio, primeiramente entre os dois jornais já referidos (ocasionando até que houvesse trocas de desenhadores entre jornais rivais, como o caso de Richard F. Outcault que viria

a criar no New York Herald World em 1902 o «garoto intrujão» (BUSTER BROWN) e mais tarde entre outros jornais e casas editoras (sendo no ano de 1912 que o magnate Hearst funda o primeiro «sindicato» — organização encarregada de comercializar as H.Q. — chamado King Features Syndicate).

Em 1905 Windsor McCay cria LITTLE NEMO IN SLUMBERLAND (L. N. no país dos sonhos) que no dizer de Jacques Marny em Sociologia das Histórias aos Quadrinhos (Livraria Civilização — Editora) «corresponde, nas H.Q., a Lewis Carroll. Alice e Little Nemo possuem ambos a chave que dá entrada no mundo da fantasia. Little Nemo é

(Continua na pág. 7)

DEFESA DE  
**ESPINHO**

SEMANÁRIO

AVENÇADO

À  
Comissão de Turismo

ESPINHO